



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

PARINTINS, AM, 7 DE FEVEREIRO DE 2000

Senhor Governador Amazonino Mendes; Senhor Ministro da Educação, Doutor Paulo Renato; Ministro Pimenta da Veiga, das Comunicações; Senhor Vice-Governador Samuel Assaig Hanan; Senhor Presidente dos Correios, Egidio Bianchi; Meus caros Parlamentares, Senadores que me fizeram companhia, Bernardo Cabral e Gilberto Mestrinho; Deputados, Deputado Artur Virgílio, que é nosso líder de governo no Congresso Nacional, e agradeço a presença de todos os parlamentares, tão numerosos, aqui presentes. Como já salientou o nosso Governador, não apenas deste estado, mas de outros estados, Senhor Prefeito de Parintins, Geraldo Maia; Professores e Alunos da Escola Brandão de Amorim; Senhoras e Senhores,

Há cinco anos, fui, com o Ministro Paulo Renato, a uma escola na Bahia, a uma cidade que se chama Santa Maria da Vitória. Fui dar uma aula naquela escola. Aula de ensino básico. Sou muito incompetente para dar aula de ensino básico. Não tenho jeito. Não sei aquilo que as professoras e professores são capazes de fazer com naturalidade, com graça. Não fui treinado assim, mas queria de-

monstrar que era, para mim, mais importante ser professor do ensino básico, do que ser, como eu, professor do ensino universitário.

O Brasil, para poder se levantar como um grande país, depende de acabarmos com o analfabetismo, darmos condições de igualdade a todos os brasileiros, acesso à escola, bom treinamento. E feito isto, este país pode ser mais democrático e mais feliz. Por isso, fui a Santa Maria da Vitória.

Não foi por acaso que escolhi Santa Maria da Vitória. É lá no sertão da Bahia. Escolhi Santa Maria da Vitória porque, quando fui candidato em 1994, eu tinha sido Ministro da Fazenda e tínhamos lançado esse plano, que veio a se chamar de Plano Real. Tínhamos, no dia 1º de julho, trocado a moeda brasileira. E, quando cheguei a Santa Maria da Vitória, como candidato, foi quando percebi que podia ganhar as eleições, porque a população ostentava o Real como um símbolo de dignidade, porque acreditava que o Brasil tinha uma moeda que ia se impor diante do mundo.

Por isso, eu quis voltar a Santa Maria da Vitória – como voltamos – para mostrar que mais importante que a moeda é o ensino, que aquilo que fixa realmente no coração de um povo, a sua memória, que faz com que esse povo acredite em si, é a capacidade de conhecimento. Por isso, fui a Santa Maria da Vitória.

Hoje, Governador Amazonino, ao chegar aqui a Parintins, senti uma emoção semelhante àquela que senti lá atrás, em julho de 94, quando vi o povo da Bahia feliz porque acreditava no futuro. Ao percorrer essas ruas, ao ter de deter o ônibus mais de uma vez para agradecer o modo como esse povo de Parintins me recebia, senti que tinha razão: o Brasil é um grande país que acredita em si, e vi que, de novo, a esperança renasceu. E renascer é mais difícil que nascer, como disse o Governador. Aqui, em Parintins, pude sentir essa emoção.

Começo, portanto, por agradecer a essa cidade. A essa população generosa que acolhe tão bem aquele que vem apenas para prestar contas ao país das suas obrigações como Presidente da República.

Quero dizer que sinto uma grande alegria de pisar o solo de Parintins. Primeiro por Parintins mesmo, que eu não conhecia. Sabia da

história, sabia da resistência dos tupinambás, sabia dos parintintins, sabia do espírito peculiar e próprio da população desta cidade. Aquilo que hoje o Brasil inteiro conhece e, progressivamente, muitos outros povos vão conhecer, que é essa capacidade que tem o povo de Parintins de transformar um mito numa festa e essa festa numa alegria que hoje é compartilhada por todos os brasileiros, numa disputa simbólica entre dois grupos – vocês podem ver que a minha camisa tem as duas cores –, porque na verdade se trata de alguma coisa que marca Parintins. Então, minha alegria é muito grande por ver de perto isso.

E por dizer, Governador, meus amigos aqui presentes, que depois de ser Presidente da República, creio que esta é a oitava vez que venho ao Amazonas. Com isso, estou quebrando um recorde do meu amigo Senador Sarney que, depois de mim, foi quem mais visitou a Região Amazônica. A Manaus, fui várias vezes, mas não foi só a Manaus. Ao Iauaretê, na fronteira com a Colômbia – Tabatinga, Tefé, Urucum, Itacoatiara, Novo Airão, São Gabriel da Cachoeira. E, agora Parintins. É todo o Amazonas. Não é todo, ele é enorme, mas é uma boa parte do Amazonas. Faço isso, primeiro porque nas minhas veias corre sangue amazonense. Sempre que venho a Manaus, penso na minha mãe. Mas o faço como Presidente do Brasil, para mostrar que a Amazônia é parte daquilo de que nos orgulhamos e vai ser sempre parte do Brasil. Para mostrar que a Amazônia que queremos ocupar está sendo ocupada, não porque queremos, pela força. Não. Ela é ocupada – aqui está o bispo, está o pároco – por missionários de várias religiões, ela é ocupada por colonos de várias partes. Mas ela hoje é ocupada, principalmente, pelo conhecimento.

O Amazonas que queremos é um Amazonas que seja capaz de dar ao Brasil e ao mundo a capacidade de aproveitar a sua biodiversidade, com respeito ao indígena, que é autóctone, e àqueles que para cá vieram e que souberam conviver com a natureza amazônica. Os que não conhecem pensam que a floresta amazônica vai ser destruída. Jamais. Jamais não porque outros queiram, queremos preservar a floresta, e quem mais quer é quem vive nela. E aqui nós podemos ver que no Estado do Amazonas uns 95% da floresta continuam autóctones nos

originais, e vão continuar. E isso será feito com o proveito para a população da região, que saberá, através do conhecimento, ampliar a sua capacidade de aproveitar a natureza sem destruí-la e produzir riqueza, e o quanto possível que essa riqueza seja mais igualitária. E para que a riqueza seja mais igualitária é fundamental a educação.

Venho, portanto, aqui, a Parintins, volto ao Amazonas, com este sentimento que aqui está se plantando, realmente, daquilo que é fundamental para o Brasil, que é o conhecimento. O fato de termos feito um programa, com o Ministro Paulo Renato à frente, de transformar a educação no Brasil, é um fato que quero deixar marcado na História. Não quero no futuro que o governo, durante o meu período de governo, seja conhecido como o governo que deu estabilidade à moeda. Será. Mas estamos mantendo a estabilidade. Ele tem que ser conhecido por outra razão: porque deu educação ao povo, porque foi capaz de fazer com que a educação fosse – não nas palavras –, de fato, prioridade. E é muito difícil. Os recursos são escassos. Leva tempo para treinar. É preciso abrir as escolas a todas as crianças; estamos abrindo, a quase todas. Acabar com o analfabetismo, distribuir o livro didático, treinar o professor, melhorar o conteúdo do livro, tudo isso leva tempo: é preciso persistência, crença, esperança, dedicação e devoção.

E quando, aqui, vem o carteiro e entrega aos jovens um conjunto de livros – é preciso recordar que são tantos – e o Ministro Paulo Renato, que sabe tudo sobre educação, se enganou aqui: disse que no ano passado nós distribuímos 10 milhões de exemplares. Não. Foram 110 milhões, Ministro. Muito mais que os 10 milhões. Mas o que importa não são os milhões que se perdem, o que importa é o que cada um recebe. É o livro que a professora recebe dos parâmetros curriculares, para que ela tenha uma referência. E que esses parâmetros curriculares sejam parâmetros que não reproduzam o preconceito, mas que inovem. Que façam a criança despertar pelo conhecimento, mais amor pelo Brasil, mais amor pelo seu próximo, pela sua família, pelo seu amigo, pela sua amiga, pelos que mais precisam. E que haja uma cooperação crescente – me alegro de ver tantos prefeitos da região, daqui, talvez até do Pará, não sei. Aqui perto está Barreirinho, que é do meu

amigo Thiago de Mello – que não sei por onde anda –, mas é aqui pertinho, de Parintins. Conheço de referência esta região e tenho a certeza de que os prefeitos darão as mãos aos professores, ao Governador do estado, ao Ministério da Educação porque não resolveremos os grandes problemas do Brasil no isolamento, nem só com críticas – crítica é indispensável, mas tão importante quanto a crítica é dar a solução, é fazer com que as coisas avancem, ainda que leve tempo, e as coisas estão avançando.

Simbolicamente abrimos o ano letivo já do ano 2000 – foi importante vir aqui, a Parintins, para vê-los – para ver o que existe na realidade: essa criançada fantástica; para ver que existe um espírito de consideração, para ver que existe esse espírito, realmente, de crença, esse espírito de esperança num Brasil cada vez mais acessível no que ele tem de bom a todos os seus filhos.

Sei, também, que nem todos vão ser atendidos. Vejo com angústia e com aflição também a angústia e a aflição dos pais de famílias, sobretudo nas grandes cidades, que têm que comprar material didático, material escolar. Há abusos no material escolar, muitas vezes. Tenho visto a variação de preço – ainda bem que nós temos os Procons, que mostram essas realidades –, e o preço varia. Às vezes, num lugar é dez vezes mais caro do que noutro, o que obriga o pai a procurar esse material. Sei que ainda existem muitos problemas, mas sei também que nós estamos começando a resolvê-los, e que pelo menos, no setor público, podemos dar o livro didático de graça. E mais, o livro hoje tem maior durabilidade. Aí é preciso que haja a garantia do acesso à criança e o professor corresponda com carinho pelo livro, com amor pelo livro e que saibam que se preservarem aquele livro, materialmente, para passar para outra criança no ano seguinte, estão ajudando a que possamos atender cada vez mais àquele que mais precisa do apoio do Governo Federal, do governo estadual, do governo municipal e da escola.

É esse espírito, que é o espírito que faz com que nós nos acerquemos, cheguemos perto, como estamos chegando da nossa gente, que faz com que nós acreditemos mais e mais no Brasil.

Quero terminar, primeiro felicitando vocês todos, sobretudo as crianças, sobretudo os professores e as professoras porque nada substitui o professor e a professora. A tecnologia moderna é muito importante. Os governos são muito importantes, mas, na sala de aula, se não houver dedicação, se não houver aquela chama que o professor tem, se não houver aquela capacidade de ter amor pela criança, se não houver o respeito pela criança e da criança pelo professor, não há conhecimento. De modo que, o dia de hoje, que é a abertura do ano letivo, seja um dia grato a todos nós, por reconhecermos que o Governo está se esforçando, é mais grato ainda a cada um de nós por sabermos que temos no Brasil professores e professoras que, ganhando mal, que tendo dificuldade para ter acesso, que tratando com alunos quando as famílias são pobres, muitas vezes, são capazes de dar a eles o que é essencial à pessoa humana, que é a dignidade.

Agradeço, portanto, esta oportunidade de estar aqui e quero, finalmente, dizer que, oxalá, tomara que o Brasil inteiro possa sentir essa emoção que senti hoje ao pisar em Parintins, e dizer: “Meu Deus, que grande povo é o nosso.”

Muito obrigado.